



UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO CRÍTICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS/INGLÊS: RELEMBRANDO AS LUTAS DE MARTIN LUTHER KING JR. PELOS DIREITOS CIVIS E PROBLEMATIZANDO RELAÇÕES DE PRECONCEITO EM SALA DE AULA

Ricardo Regis de Almeida

ricardo_re12@hotmail.com

PG - MIELT, Universidade

Estadual de Goiás, Anápolis (GO)

Docente: Dr^a. Barbra Sabota,

Universidade Estadual de Goiás, Anápolis (GO).

PALAVRAS - CHAVE: Ensino crítico de línguas. Inglês. Martin Luther King Jr.

INTRODUÇÃO

Essa proposta de investigação surgiu a partir de leituras prévias sobre o ensino crítico de línguas (URZÊDA FREITAS e PESSOA, 2011; FIGUEIREDO, 2014) e de atividades realizadas com uma turma multisseriada de uma escola particular situada na cidade de Goiânia – GO, no primeiro semestre de 2015. As atividades ocorreram no período de 3(três) encontros em que o nosso objetivo maior foi o de problematizar relações de preconceito que ocorrem no interior da sala de aula e propor ações de reflexão e mudança. Para alcançarmos o nosso objetivo maior, duas aulas foram planejadas e executadas para que @s alun@s conhecessem e compreendessem a importância de Martin Luther King Jr. (doravante MLK) no contexto sociocultural norte-americano. Essas ações foram realizadas como pano de fundo para abordarmos as práticas de preconceito relatadas por alun@s e coordenadora da escola antes da realização das atividades. As aulas foram ministradas em Português e Inglês, pois se tratava de alunos com faixa etária entre 12 e 15 anos de idade e com pouca fluência na língua-alvo/Inglês.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Urzêda Freitas e Pessoa (2011) afirmam que o ensino crítico de línguas não se trata de uma abordagem, mas sim de um estilo de vida, ou seja, se quisermos transformar o contexto em que estamos inseridos por meio da língua, é preciso problematizar e desvelar práticas de poder desiguais presentes em nossa sociedade, comunidade, assim como na própria sala de aula e não como uma fórmula capaz de resolver problemas sociais e individuais. Para Freire

(2006 *apud* URZÊDA FREITAS, 2012, p. 81) “o(a) professor(a) deve considerar seus(suas) alunos(as) como seres que se movem *no* e *com* o mundo, participando diretamente das relações de poder que o sustentam”. Isso implica ações políticas dos/as professor@s para que essas relações de poder sejam desveladas e novas formas de politização sejam problematizadas e postas em prática por todos os envolvidos no processo educativo.

No que concerne à sala de aula, é importante que professor@s, alun@s e a instituição como um todo compreendam que esta se trata de um espaço multicultural, repleta de diversidades e que os seres ali presentes são compostos de raças, crenças, costumes e contextos social, político e econômico diversos (URZÊDA FREITAS, 2012). Sendo assim, faz-se relevante o papel do professor como mediador e problematizador de relações conflituosas presentes no interior da escola, ou seja, o seu papel deixa de ser o de transmissor de conhecimentos para se tornar um ser político e preocupado com as práticas sociais, como afirma Cox e Assis Peterson (2001, p. 15) “o domínio da língua ensinada na escola justifica-se, pois, não mais pela sua importância cognitiva ou cultural, mas pela sua importância política. É a astúcia dos dominados em ação”.

Para que a implementação do ensino crítico de línguas seja realizada, Pennycook (1999 *apud* URZÊDA FREITAS; PESSOA, 2014, p. 372) afirma que existem duas formas:

[a] primeira se realiza através da *inserção* de diferentes representações identitárias nas atividades propostas em sala de aula, tais como a figura de mães e pais solteiros, de mães e pais homossexuais, de mulheres e homens negros e indígenas etc. Já a segunda forma se realiza por meio da *problematização* de temas sociais em sala de aula, tais como *pobreza, raça e racismo, desigualdades de gênero, homofobia* etc.

No que tange ao letramento, Figueiredo (2014, p. 145) nos traz uma reflexão pertinente ao afirmar que este se trata da “capacidade de enxergar além dos limites do código, fazer relações com informações fora do texto falado ou escrito e vincular essas informações à sua realidade histórica, social e política”. Em outras palavras, @ alun@ deve ser capaz de extrapolar a tecnologia da escrita e da leitura e relacioná-las às suas práticas, leituras anteriores e experiências pessoais, tornando o conteúdo exposto pel@ aut@r mais significativo e relevante para @ individu@. Nos dias atuais, o letramento tem sido entendido como prática social, um arsenal complexo de habilidades de leitura e escrita, da mesma forma que contempla habilidades tecnológicas responsáveis por outros tipos de letramento como o digital/multimodal (FIGUEIREDO, 2014).

MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa se configura como um relato de experiência de atividades realizadas em uma escola particular situada na cidade de Goiânia – GO. As ações ocorreram em uma turma multisseriada (5 alunos de 4 séries diferentes do ensino fundamental II) com duração de 3 encontros. Nos dois primeiros encontros, utilizamos textos e vídeos para a contextualização da história de MLK e realizamos uma roda de conversa; no último encontro, problematizamos práticas de preconceito frequentes dentro da sala de aula e @s alun@s redigiram um texto propondo ações de reflexão e mudança. A leitura dos textos foi realizada na língua-alvo, porém @s alun@s não possuíam fluência para conduzir as discussões em Inglês. Apesar das discussões terem sido na língua materna, o professor buscava se comunicar ao máximo em Inglês e, em vários momentos dos encontros, requeria respostas do alunado na língua-alvo para reforçar o exercício de prática oral e compreensão auditiva.

No final do último encontro, @s alun@s ficaram responsáveis por trabalhar colaborativamente e pensar em modos de redução de práticas preconceituosas recorrentes em sala de aula. Para isso, @s cinco aprendentes redigiram um texto em Português relatando suas propostas, apresentaram e o entregaram para o professor.

RESULTADOS

Os encontros foram marcados por muita discussão e desvelamento de práticas preconceituosas recorrentes no interior da sala de aula. Professor e aprendentes tornaram-se mais íntimos durante o processo de aprendizagem dos conteúdos, pois houve uma correlação entre a vida de MLK e as práticas de preconceito sofridas, praticadas ou assistidas pelo professor e alun@s.

O primeiro encontro realizado no dia 01/06/15 contou com a leitura de um texto biográfico em língua inglesa, que relatava a vida e lutas de MLK nos Estados Unidos a favor dos direitos civis. Tod@s @s alun@s realizaram a leitura de fragmentos do texto em voz alta e o professor ficou responsável por auxiliá-los nas dúvidas de pronúncia ou compreensão de termos e palavras. Ao término da leitura, assistimos a um documentário em Inglês com legenda em Português sobre MLK para que os alunos compreendessem e vissem imagens da luta dos negros a favor de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao final da aula, @s discentes comentaram sobre o choque de realidade que lhes foi causado e a importância de combater o mal com o bem, baseando na história de MLK que



seguia a filosofia de Mahatma Gandhi e acreditava que jamais venceria a guerra com armas e destruição. As relações de preconceito abordadas no documentário causaram espanto e indignação em alguns/algumas d@s alun@s, que afirmaram sermos todos seres humanos e que a cor da pele jamais definiria o caráter de ninguém.

No segundo encontro, realizado no dia 12/06/15, fizemos uma roda de discussão e relatamos práticas de preconceito já sofridas, causadas ou assistidas por nós (alun@s e professor). Foi o encontro mais polêmico, pois uma das alunas chorou ao escutar os relatos dos colegas e se colocar no lugar das pessoas que sofreram algum tipo de preconceito. Os/as discentes pareceram interessados nos assuntos discutidos e relembramos palavras em Inglês relacionadas ao preconceito. O professor fez as perguntas da discussão na língua-alvo e, apesar d@s alun@s não conseguirem se comunicar completamente no idioma em questão, algumas perguntas foram surgindo acerca de como se expressar e reagir diante de situações preconceituosas em Inglês.

No último encontro, dia 15/06/15, @s alun@s ficaram responsáveis por refletir e redigir um texto em Português problematizando os tipos de preconceito já sofridos, praticados e assistidos em sala da aula para que, em conjunto, pudessem subverter essas práticas e, assim, criar um ambiente mais solidário e colaborativo. Um aluno em específico não se dispôs a fazer a atividade e afirmou que toda aquela história era bobeira, porém @s outr@s alun@s responderam de prontidão que era necessário refletir sobre o tema, pois estavam tentando melhorar o espaço e as relações entre el@s mesm@s. Ao final da aula, os/as discentes apresentaram o texto e o entregou para o professor.

CONCLUSÃO

Como pudemos observar, os dados da pesquisa revelam que encontramos formas de abordar o Inglês numa perspectiva crítica e colaborativa e com alun@s de séries iniciais. Partindo das propostas de Pennycook para a implementação do ensino crítico de línguas, é possível afirmar que utilizamos a segunda proposta ao problematizarmos temas relevantes em sala de aula.

A prática do letramento foi relevante para que @s alun@s pudessem religar os saberes presentes no texto e no vídeo às suas práticas, tornando a leitura mais significativa. As linguagens presentes nos dois tipos de material utilizados durante as aulas (texto escrito e documentário) proporcionaram aos discentes uma experiência com o letramento multimodal,



pois passaram a entender como os vários tipos de linguagem (som, imagens, palavras etc) se articulam no processo de compreensão do todo.

Por fim, alun@s e professor produziram um ambiente de problematização e se tornaram ativos no processo de reflexão acerca das práticas de preconceito que os/nos rodeiam em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. O professor de inglês entre a alienação e a emancipação. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 4, n. 1, p. 11-36, 2012.

FIGUEIREDO, D. C.. Leitura e escrita na era digital: considerações críticas para professor@s de língua. In: Elaine Mateus; Nilcéia Bueno de Oliveira. (Org.). *Estudos críticos da linguagem e formação de professores/as de línguas: contribuições teórico-metodológicas*. 1ed. Campinas SP: Pontes, 2014, v. 1, p. 145-166.

URZÊDA-FREITAS, M. T.; PESSOA, R. R.. Discursos de identidades, ensino crítico de línguas e mudança social: análise de uma experiência localizada. In: Elaine Mateus; Nilcéia Bueno de Oliveira. (Org.). *Estudos críticos da linguagem e formação de professores/as de línguas: contribuições teórico-metodológicas*. 1ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2014, v. 1, p. 365-395.

URZÊDA-FREITAS, M. T.; PESSOA, R. R.. Ensino crítico de línguas estrangeiras/inglês e formação crítica de professores/as: a pedagogia como transgressão. In: *63ª Reunião Anual da SBPC - Cerrado: Água, Alimento e Energia*, 2011, Goiânia-GO. Anais/Resumos da 62ª Reunião Anual da SBPC. Goiânia-GO: Editora da UFG, 2011. p. 1-6.

URZÊDA-FREITAS, M. T.. *Educando para transgredir: reflexões sobre o ensino crítico de línguas estrangeiras/inglês*. Trabalhos em Linguística Aplicada (UNICAMP), v. 51, p. 77-97, 2012.